

SOBRE PALAVRAS E (CON)TEXTOS: UM OLHAR FILOLÓGICO SOBRE UM SUMÁRIO DE ESTUPRO DE 1936

Daianna Quelle da Silva Santos da Silva (UEFS)

daiannaquelle@gmail.com

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

rcrqueiroz@uol.com.br

Aurelina Ariadne Domingues (ILUFBA)

ada.domingues@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos alguns resultados da pesquisa de doutorado que está em andamento, para isto, nos apoiamos na filologia como direcionadora de todo estudo. Como objeto de pesquisa, escolhemos um sumário de estupro lavrado em 1936 na localidade de Santa Bárbara-BA, com 22 fólhos. Salientamos que, tal documento está sob a guarda do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) – órgão pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Realizamos a edição semidiplomática do corpus, priorizamos trazer à tona os aspectos extrínsecos (quantidade de fólhos, cores da tinta), e, principalmente, os aspectos intrínsecos (o assunto, a história transcrita nos fólhos, o que implica compreender parte da história dos envolvidos sumário, ora apresentado). Logo que iniciamos o estudo, atestamos a necessidade de esboçar uma proposta de edição que valorize a inter-relação entre a Filologia e as questões sócio-histórico-culturais que emergem a partir da leitura e edição do corpus. Vale destacar que, alguns estudos do âmbito filológico utilizados foram Spina (1994) Ximenes (2009), Marquilhas (2010), Barreiros (2015) e (2017).

Palavras-chave:

Filologia. Edição Semidiplomática. Sumário de Estupro.

ABSTRACT

In this article, we present some results of the doctoral research that is underway, for this, we rely on philology as the base of the whole study. As a research object, we chose a summary of rape carried out in 1936 in the Santa Bárbara city (BA), with 22 folios. We emphasize that this document is under the custody of the collection of the Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) - an organ that belongs to the Universidade Estadual de Feira de Santana - BA. We carried out the semidiplomatic edition of the corpus, we prioritize bringing out the extrinsic aspects (number of folios, colors of the ink), and mainly, the intrinsic aspects (the subject, the history transcribed in the folios, which implies understanding part of the history of those involved summary, now presented). As soon as we started the study, we attested to the need to draft an edition proposal that values the interrelationship between Philology and the socio-historical-cultural issues that emerge from the reading and editing of the corpus. It is worth mentioning that some philological studies used were Spina (1994) Ximenes (2009), Marquilhas (2010), Barreiros (2015; 2017).

Keywords:
Philology. Semidiplomatic edition. Summary of Rape.

1. *Primeiras notas*

Em Santa Bárbara, no mês de setembro de 1936, foi documentado, através de um Sumário de Estupro, em que a vítima, com idade de quatorze anos, foi estuprada. Mas como temos acesso a este sumário? E o que a leitura deste documento pode implicar para a nossa sociedade?

Movidos pelos questionamentos acima mencionados, entendemos a necessidade de termos uma ciência adequada para o estudo de um texto situado numa época diferente da que estamos hoje, bem como capaz de nos dar um aparato com ciências outras que nos levem a interpretar para além da grafia do texto.

A Filologia, nesse contexto, tem se mostrado uma disciplina interdisciplinar e humanística que propicia compreender o texto – objeto de estudo – como dialógico. Deste modo, para além de “restituir o texto” – termo muito utilizado pelo olhar filológico mais tradicional – é possível conhecer parte da história da vítima do estupro, E.C, através da leitura do documento, bem como compreendermos questões sociais, culturais e históricas que estavam envoltas na tessitura deste trabalho.

E para cumprir o principal objetivo delimitado que é: explanar uma proposta de edição do corpus que leve em conta a inter-relação entre a Filologia e as questões sócio-histórico-culturais, dividimos o texto, por ora iniciado, em: 1) Primeiras notas 2) A atividade filológica e a preservação do documento; 2.1) Do acervo ao corpus: passos (per)corridos; 2.1.1) Critérios de edição para o corpus; 2.2 Sobre a vítima do crime e percepções sobre o sexo da primeira metade do século XX 3) Notas finais e Referências.

2. *A atividade filológica e a preservação do documento*

Sei que traçar no papel / é mais fácil que na vida. /Sei que o mundo já-mais é / a página pura e passiva. / O mundo não é uma folha / de papel re-

ceptiva: / o mundo tem vida autônoma, / é de alma inquieta e explosiva.
(NETO, 2011, s.p)¹

A leitura do trecho desta poesia que aborda o percurso para a morte do Frei Caneca, por conta do seu envolvimento com a Confederação do Equador, pode nos fazer refletir sobre a importância da filologia e o seu *labor*, pois, por muito tempo se observava a atividade filológica de maneira estática e presa somente ao texto.

Sabemos que, a Crítica Textual quando associada ao método de Karl Lachmann, visava uma atividade que primava por um texto editado relativamente estático, presumivelmente fidedigno, que era interpretado pelo(a) linguista, pelo(a) historiador(a) ou pelo(a) crítico(a) literário(a) de acordo com a ideologia que lhes aprouvesse. (MARQUILHAS, 2010).

No texto *Filologia oitocentista e crítica textual*, 2010, escrito por Marquilhas reflexões profundas são trazidas sobre a atividade filológica ao longo da história e o interpretar da crítica textual. Nesse sentido, não há como não destacar que logo nas primeiras linhas do texto, há um despertar para a filologia, mais especificamente, a oitocentista e a crítica textual que, em muitos manuais, aparecem com o teor de transcendentais, não cumprem com a carga semântica da palavra empregada.

Assim, Castro (1984 *apud* MARQUILHAS, 2010) pontua que:

[...] a filologia, neste fim do séc. XX, [não é vista] como a esplêndida ciência que, no entender de Schlegel, compartilhava com a filosofia o conhecimento universal, nem como um método de melhoramento humano pelo aprendizado das obras dos clássicos, nem mesmo como a disciplina que consorcia a linguística com a literatura - tudo visões(*sic*) com pensamento e defesas articuladas e respeitáveis, e que devemos ter em conta para apreciar a produção científica de certas época e de certos autores. (CASTRO, 1984 *apud* MARQUILHAS, 2010, p. 335)

E sobre a Crítica Textual, a define

[...] como uma disciplina muito mais comedida [...] em ambições culturais, pois se limita ao exercício de uma missão deixada vaga pelas outras disciplinas da palavra e que é a de verificar se um texto que vai ser lido e interpretado dá garantias de estar tão próximo quanto é possível daquilo que o seu autor escreveu. (CASTRO, 1984 *apud* MARQUILHAS, 2010, p. 335)

¹ NETO, João Cabral de Melo. *Auto do Frade* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=qtXXeK1jG1gC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>

O conceito de Filologia oitocentista definido por Castro (1984) é explorado por Marquilhas (2010), a autora, revisita o conceito e faz a distinção a Filologia moderna – “estrita” – e a Filologia oitocentista – “esplêndida ciência no século XIX”. Para Marquilhas (2010), a Filologia oitocentista é romântica e historicista, tem seu marco no início do século XIX, com a ânsia de valorizar às nações – a partir da “reencarnação do espírito das nações” (Volkgeist alemão), do cuidado com a instrução, à gramática e os dicionários, além de se debruçar no passado de maneira nostálgica e propor a ideia biologizante da língua – “um organismo vivo que se degenera ao longo do tempo”, o que, semelhantemente aconteceria com os textos.

Para além disso, a Filologia oitocentista queria “higienizar o texto das feridas” que a sua tradição lhe causara, e a edição crítica, uma vez que na época se priorizava os textos clássicos literários, era estabelecida através dos princípios de Karl Lachmann (1850) (MARQUILHAS, 2010).

O método lachmanniano tinha como base a busca pelo texto original perdido – o arquétipo - que se corrompeu ao longo do tempo e, por conseguinte, seria reconstituído através do exercício crítico. Obviamente o método lachmanniano é muito importante para os estudos filológicos, o próprio Ivo (1984) advoga que Lachmann fixou a Filologia, principalmente porque desenvolveu um método que propunha a sistematização de diversas atividades denominadas como “filológicas” e estabeleceu um método de edição de texto de maneira científica e muito racional para a sociedade da época (MARQUILHAS, 2010).

Porém essa busca, dentro do método Lachmaniano, pelo arquétipo desvalorizava todas as transformações históricas que o texto passa ao longo do tempo e, para além disso, o arquétipo era visto como resultado – “estranque”, “pronto”, “perfeito”. Por isso, utilizando metaforicamente os versos de João Cabral de Melo Neto, a filologia não deve se reduzir à[s] “página[s] pura[s] e passiva[s]”, pois ao lermos um texto, não podemos dissociá-lo do mundo, do *modus vivendi, scribendi e operandi* de quem o escreveu, além dos fatores que levaram a todo conteúdo ali escrito.

E, a partir das leituras de Marquilhas (2010) e Barreiros (2015) foi possível fazer incursões na atividade filológica que prioriza o texto como verdadeiros testemunhos não só materiais, mas também como linguísticos, histórico-sócio-culturais.

Através da leitura de Barreiros (2015) podemos reforçar a crítica já trazida por Castro, em 1984, sobre a Crítica Textual. “As ambições culturais” apontadas por Castro podem ser contempladas a partir do momento em que a crítica textual se relaciona com as práticas culturais de escrita. Desta forma, Barreiros (2015) traz McGann (1991) para definir que pela materialidade do texto podemos depreender a dimensão histórico-cultural, ela também é vista através dos conteúdos situados na época e no lugar aos quais o texto pertence, bem como é vista nos seus usos linguísticos, uma vez que, o texto é produzido através de códigos linguísticos e bibliográficos.

A leitura de Barreiros (2017) pode nos direciona ao olhar filológico voltado profundamente para o contexto sócio-histórico-cultural, pois faz uma discussão sobre a nova história cultural, uma elucidação de que o *labor* filológico esmiúça o texto, compreendendo-o como uma prática de escritas e que não se importa somente em descrever aspectos do texto, mas que mergulha nos *modus vivendi, escribendi e operandi* de um povo, ou seja, o fazer filológico para ser mais completo, de acordo com as necessidades e estudos mais contemporâneos, deve estar atrelado à “sociologia do texto”. Deste modo, Barreiros (2017, p. 400) define que:

[...] a sociologia do texto, pensada por Donald McKenzie, ampara-se nas inovações do campo historiográfico e em sua interdisciplinaridade. Para McKenzie (2005, p. 29), os bibliógrafos já não se satisfazem somente com a descrição e com o estabelecimento do texto, pelo método filológico tradicional, eles estão interessados no estudo sóciohistórico que possibilite entender como os textos foram escritos, ganharam forma e foram usados. (BARREIROS, 2017, p. 400)

Se levarmos em consideração tudo o que fora mencionado, compreendemos que, atualmente, com leituras, defesas e olhares sobre a Filologia, o texto continua sendo o seu principal objeto de investigação, mas não um texto marcado pelos elementos apenas gráficos, os aspectos de decodificação linguística e outros pontos que aparecem na materialidade do suporte e, sim um texto como um amálgama de “(...) propriedades físicas, visuais, gráficas, semióticas e estéticas próprias (...)” (GRÉ-SILLON, 2009, p. 41) que geram, a partir da atividade de editá-lo, olhares e possibilidades de estudos variados.

Nesse ínterim, há de se destacar que a mudança de concepção do texto, como aquele que é amplo, revelador de histórias, construtor de culturas e memórias foi um mote para o desenvolvimento de novas práticas editoriais que problematizam os manuais filológicos que não valori-

zam o processo de transmissão do texto e, por vezes, o coloca como estanque àquele suporte material.

Deste modo, para que se tenha uma leitura filológica mais relacionada ao campo das humanidades é preciso observar a circulação social do texto (o que pode ser percebido a partir do suporte que está escrito, diferença de papeis, por exemplo, do mais ao menos oneroso), os selos e carimbos se forem documentos (a depender de onde são, o órgão que representa o carimbo e as autoridades que o reconheciam), além do processo de produção, circulação, consumo dos textos, ou seja, os processos sociais, técnicos que vão além do texto escrito.

Como já mencionado neste trabalho, o texto é revelador de uma comunidade linguística, seu viés histórico e caráter social e, às rasuras, dobraduras vistas no suporte em que está o texto, podem nos auxiliar a ver outros textos demarcados num período e, por assim dizer, ampliar os pensamentos histórico-culturais e sociais de uma época, ou seja, estudar este processo crime lavrado 1936, com todo o seu conteúdo nos coloca diante da busca pela lei da época, os costumes e outras leituras que revelem um pouco do *modus vivendi* deste povo e/ou grupo de povos.

2.1. Do acervo ao corpus: passos (per)corridos

Costumamos pensar que, as palavras encadeadas numa sequência lógica: formam textos orais e/ou escritos, que foram e são produzidos pela humanidade ao longo do tempo. No que se refere às palavras escritas, arrumadas num texto, as visualizamos grafadas no suporte. Quando estão grafadas em papel, como é o caso do *corpus*, é preciso ter cuidado para que as leiamos, então, o(a) filólogo(a), luta para compreendê-las, trazê-las como um texto, driblando, muitas vezes, às más condições de armazenamento, às interferências climáticas, de pragas e outros elementos que levam à decomposição do suporte que estão escritas.

Conforme dito, então, em caso de textos escritos, as condições de armazenamento auxiliam na preservação ou deterioração dos mesmos. Isso quer dizer que, um documento produzido nos anos de 1930, como é o caso do *corpus* escolhido para este trabalho, que foi lavrado em 1936, se estiver armazenado em caixas, sem ventilação, em um local úmido, entre outros fatores, está exposto a pragas que danificam o suporte e, por conseguinte, levam à destruição daquele texto, o que configura uma perda, sobretudo, linguístico-histórico-cultural.

Ler textos, especialmente escritos, e trazê-los para outros suportes, é uma atividade muito importante da Filologia, porque, dentre as importâncias, permite que outras gerações compreendam o que era discutido, vivenciado em outras épocas, além de servirem como objeto de diversas pesquisas. Porém, esse processo de decifração/reconhecimento dos símbolos escritos (letras) e a construção de sentidos/interpretação/compreensão dos mesmos não é uma tarefa fácil. O leitor com formação, técnicas filológicas – chamamos, aqui, de editor – precisa ter competências várias para compreender o traçado, os símbolos gráficos, bem como os elementos morfológicos, sintáticos e semânticos, só para citar alguns, do que está escrito. Destacamos que este(a) editor(a) também está imbuído de outras questões, outras formações, pois a tomada de decisão em editar um ou vários textos é uma atitude política, é um engajar em determinados assuntos e aspectos do(s) texto(s). Deste modo, editar tal processo crime é se debruçar numa denúncia social de como a mulher era vista, do quanto era subjugada na sociedade da época.

Mas como termos acesso a textos escritos de diversas épocas? Sabemos que o Centro de Documentação e Pesquisa² - doravante CEDOC, é um órgão da Universidade de Feira de Santana, de agora em diante UEFS, e que tem um acervo composto por uma variedade de documentos das esferas cível e crime referentes a Feira de Santana, Riachão do Jacuípe, Santa Bárbara e algumas cidades circunvizinhas.

Em alguns trabalhos acadêmicos e no site da UEFS é perceptível a importância do CEDOC, que

[...] foi criado por iniciativa dos professores do DCHF e regulamentado pela Resolução CONSEPE 15/2000 de 17 de março de 2000, tem por objetivo preservar e oferecer documentos textuais, orais e iconográficos inseridos no contexto geo-histórico da região de Feira de Santana. Sua criação também esteve fortemente vinculada à implantação do Programa de Pós-graduação em História da UEFS (stricto sensu) (CEDOC/UEFS, *online*)³

O CEDOC salvaguarda uma documentação histórica do Fórum Filinto Bastos formada por processos cíveis e crimes. Há, também, no acervo do CEDOC, processos da comarca de Riachão do Jacuípe, especialmente do século XIX, o que configura um enriquecimento histórico-documental para pesquisadores e estudiosos.

² Órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

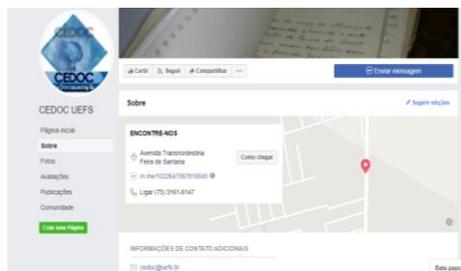
³ <http://www.cedoc.uefs.br/nossaHistoria>

Há de se destacar que, em 2013, o CEDOC foi transferido para instalações no prédio do Mestrado em História, no *campus* central da UEFS, em que é possível notar a presença de salas climatizadas para pesquisa, catalogação, guarda adequada do acervo, espaço para digitalização, coordenação e administração (CEDOC/UEFS, *on-line*).

Na atual conjuntura, priorizando a preservação e difusão do conhecimento, o Centro se estendeu, tendo posse da documentação judiciária das comarcas de Riachão do Jacuípe e Ipirá (CEDOC/UEFS, *online*).

Diante do que fora mencionado, pensemos que o CEDOC não só serve à Área de História, mas a Letras, Direito, Geografia, Sociologia, só para citar algumas. Um outro aspecto relevante sobre o CEDOC é o acesso tecnológico que o mesmo nos proporciona, além da rede social, Facebook (figura 1), há um site dedicado para consulta dos documentos, oferecendo a catalogação (estante, número do documento, período, tipologia, acusados e vítimas, bem como algumas observações quanto à condição dos fólios).

Figura 1: Facebook do CEDOC/UEFS.



Disponível em: https://www.facebook.com/pg/CEDOC-UEFS-1022647567810045/about/?ref=page_internal.
Acesso em: 11 dez. 2019

O fato de termos acesso virtual ao catálogo de documentos do acervo do CEDOC nos possibilitou compreender que muitos foram os casos de crimes sexuais ocorridos em Feira de Santana e região. E, só, na Documentação Judiciária da Comarca de Feira de Santana, no que se caracteriza na tipologia Sumário de Estupro, porque há Inquéritos, Apelações e outras, encontramos **sessenta e seis** Sumários de Estupro, em que, em sua maioria as vítimas são mulheres.

Perante os dados, de certo preocupante, elaboramos o quadro 1 abordando os crimes de estupro registrados, somente em Santa Bárbara –

BA, por se tratar da localidade em que foi lavrado o *corpus* e, a fim de destacar a frequência dos crimes dessa natureza.

Quadro 1: Sumários de Estupros catalogados em Santa Bárbara-BA.

Sumários de Estupro – Santa Bárbara - BA				
Série / Subsérie	Período	Acusado	Vítima	Quantidade de Fólios
Crime / Estupro	1916-1918	V. J.	H. M.	57
	1926-1937	P.O.L.	F.A	75
	1936-1936	C.T.	E.C.S	22
	1940 - 1948	G.C.L.	A.M.	88
	1947 -1959	A.T.	E.O.N	33

Fonte: <http://www.cedoc.uefs.br/pesquisaJFS>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Elaboração: Daianna Quelle da Silva Santos da Silva, 2019.

Conforme situado no quadro 1, o documento grafado em vermelho é o *corpus* trazido neste trabalho e, no site do CEDOC, o mesmo apresenta os dados catalogados que podem ser vistos na figura 2.

Figura 2: Catalogação do Sumário de Estupro de E.C.S.

Estante: 1	Núcleo: Fórum Desembargador Filinto Bastos	Tipologia: Sumário
Calça: 19	Comarca: Feira de Santana	Subsérie: Estupro
Nº Doc: 361	Seção: Judiciário	Série: Crime
P. Inicial: 1936	Pre/Sobrenome I: [redacted]	Nome I: [redacted]
P. Final: 1936	Pre/Sobrenome II: [redacted]	Nome II: [redacted]
Nº Folhas: 22	Observação: As quatro primeiras folhas não foram numeradas.	Localidade: Santa Bárbara - BA

Fonte: <http://www.cedoc.uefs.br/pesquisaJFS>. Acesso em: 11 dez. 2019

Assim, é importante dizermos que o *corpus* tem grande valor filológico, histórico e cultural, porém, através também do acesso ao catálogo de processos crimes, podemos compreender que é um documento componente de uma seara criminal, um recorte neste universo da violência contra mulher ao longo das décadas.

A fim de melhor explicar o *corpus*, sem que haja a exposição da a identidade das vítimas e envolvidos no processo, utilizamos o seguinte critério de catalogação aqui: “CrS” para indicar que é um crime sexual, sendo que Cr – crime e S – sexual, seguido das iniciais dos nomes da vítima.

2.1.1. Critérios de edição para o corpus

Compreendendo que para o trabalho filológico com quaisquer documentos é primordial que se realize uma ou mais edições, escolhemos a semidiplomática, a partir os critérios desenvolvidos e utilizados pelos estudiosos do NEMA e pesquisadores do GET⁴ correlacionados com os de Queiroz (2007, p. 34), Silva (2014) e algumas adaptações, a saber:

- ✓ Na descrição do documento, verificamos:
 - a) Número de colunas;
 - b) Número de linhas da mancha escrita;
 - c) Existência de ornamentos;
 - d) Maiúsculas mais interessantes;
 - e) Existências de sinais especiais;
 - f) Número de abreviaturas;
 - g) Tipo de escrita;
 - h) Tipo de papel.

- ✓ Na transcrição, cumprimos o dever de:
 - a) Respeitar fielmente o texto: grafia, linhas, fólios etc.;
 - b) Fazer remissão ao número do fólio no ângulo superior direito;
 - c) Numerar o texto linha por linha, constando a numeração de cinco em cinco;
 - d) Separar as palavras unidas e unir as separadas;
 - e) Desdobrar as abreviaturas usando itálico;
 - f) Abreviar nomes das vítimas, acusados e testemunhas constantes em documentos jurídicos com menos de cem anos, a fim de preservar as identidades dos mesmos;
 - g) Utilizar colchetes para as interpolações: [];
 - h) Indicar as rasuras, acréscimos e supressões através dos seguintes operadores:
 - ((†)) rasura ilegível;
 - [†] escrito não identificado;
 - (...) leitura impossível por dano do suporte;

⁴ Grupo de Edição de Textos – composto por pesquisadores da área de Filologia, Linguística, Antropologia, História, Desenho e outras; coordenado pela professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.

// leitura conjecturada;
< > supressão;
() rasura ou mancha;
[] acréscimo;
* * interferências de terceiros.

Deste modo, destacamos que o documento está escrito com tinta preta, em alguns fólhos em azul, possui vinte dois fólhos, nem todos escritos no verso, mas todos com mancha escrita no recto. Na **figura 3** trouxemos um fólho da edição semidiplomática do *corpus*.

Figura 3: Edição semidiplomática do Fólho 3r

f. 3r

Exelentíssimo Senhor Doutor Promotor Publico da
da Comarca

5

L. C. dos S., vem perante
Ver^a implorar justiça para o seguinte
a sua filha E. C. dos S.

10

menor, de 14 annos de idade, passando no
(mez do) mez de outubro de 1935 pela
travessa salto do Bode, e a caminho de casa
da madrinha, as 9 horas da noite foi chamada
pelo o *Senhor* Custodio Sapateiro, o qual usando
de uma faca para amedronta-la, forçou-a
deflorando-a, e em seguida dizendo-lhe que

15

se ella dissesse a Iguém que a matava
conforme a referida menor já declarou
na presença de *Vossa Excelencia* e das testemhas
abaixo pelo que pede e implora a justiça.

20

L.C.S.

Testimunhas que ouviram a menor

U. da S.

25

I S. da S.
R. F. S.

Fonte: CrS de E.C. dos S, 1936
Disponível no acervo do CEDOC

2.2. Sobre a vítima do crime e as percepções sobre o sexo na primeira metade do século XX

Em setembro de 1936, cerca de vinte horas, E.C. dos S. foi estupro por C.T, em Santa Bárbara, num lugar designado “Salto da Bode”. Pela leitura do *corpus* foi possível detectar que E.C tinha quatorze anos e, no momento do ato sexual, foi ameaçada de morte com uma faca, como pode ser constatado em: “[...] o Senhor C. S., o qual usando / de uma faca para amedrontá-la, forçou-a / deflorando-a, e em seguida dizendo-lhe que / se ella dissesse a alguém que a matava / conforme a referida menor já declarou [...]” (f.3r, linhas14-17, CrS de E.C. dos S.).

“Offendida”, “deshonrada”, “vítima” são palavras destacadas na documentação referentes aos crimes sexuais lavrados nos finais do século XIX e início do século XX, que designam a mulher desvirginada antes do casamento e, portanto, que precisava de reparação social.

Nas linhas anteriores, procuramos pontuar alguns aspectos extrínsecos e intrínsecos do *corpus* e, inevitavelmente nos deparamos com o contexto histórico-social que circundava a vida dos envolvidos no crime.

O caso de E.C. dos S. nos permite traçar um paralelo com os olhares religiosos que balizam, de certa forma, o estado da mulher ocidental. Apesar do *corpus* pertencer ao século XX, os resquícios do pensamento de séculos anteriores interferem no tratar da sexualidade com o passar dos anos.

Quando se pensa, por exemplo, no exame de corpo de delito em que a himenolatria – valorização da integridade do hímen com respeito e prerrogativa ao casamento - é visível, compreendemos que “(...) os médicos, sobretudo os do século XIX, eram fascinados por sexo” (DEL PRIORE, 2011, p. 77-78). Sendo assim, no processo crime de E. C. dos S, o exame de corpo de delito foi explanado dos fólhos 5r ao 8v no *corpus* e, em que houve uma preocupação em destacar as características físicas da menor “estatura baixa, com- / plexão regular, cabellos encarapinhados” (linhas 4-5, fólho 7v, CrS de E.C.), e detalhes sobre a condição da vagina da mesma, como se vê em: “[v]erificamos / lesão da membrana hymem, já cicatrizada, / denotando defloramento não recente (...)” (linhas 6-8, fólho 7v, CrS de E.C.).

No século XIX, ao se falar de sexo, havia um esforço para evitar os “desvios sexuais” que eram a homossexualidade, o histerismo, a ninfomania, a promiscuidade (DEL PRIORE, 2011). No século XX, nos

primeiros anos de república, esse “cuidado sexual” continuava, transvestido de higienização, o sexo era necessário para o procriar, à resignação e subserviência, uma vez que o Cristianismo se encarregou de imprimir na humanidade a ideia de sexo ligado ora à dádiva da procriação ora ao pecado da fornicção.

Ao pensar na vítima de estupro abordada aqui, fica latente o contexto histórico social que Vainfas (2003, p.21) traz, ao explicar que, para aquela época o “(...) sexo é coisa má, só tolerável no matrimônio, e só de vez em quando para procriar os filhos de Deus”. Sendo assim, não há como negar que o hímen feminino, para as mulheres, sobretudo, solteiras, era sinônimo de respeito social. As “moças de boa família” eram aquelas que precisavam cultivar o hábito da religião, dos afazeres domésticos, das saídas às ruas em horários pré-estabelecidos, com companhias femininas bem quistas pela sociedade, e sob o olhar constante da figura masculina (pai, irmãos, os líderes religiosos).

Muitas atitudes são tomadas a partir de uma ou mais palavras, as formas de enxergar o mundo são circunscritas em palavras. Já na Bíblia se fala da palavra, encarnada, o verbo que se faz carne é a vinda de Cristo cumprindo o que fora dito no Velho Testamento. Há mulheres maltratadas na Bíblia, o primeiro caso de estupro está em Gênesis 34, em que Diná foi a vítima.

A partir do caso de Diná, podemos compreender a comoção social ocorrida por consequência do crime. Pois Diná, ao caminhar numa nova cidade, foi violada por Siquém, como pode-se ver em: “[...] Diná, filha que Lia dera à luz a Jacó, saiu para ver as filhas da terra. Viu-a Siquém, filho do heveu Hamor, que era príncipe daquela terra, e, tomando-a, a possuiu e assim a humilhou.” (A BÍBLIA DA MULHER, 2014, p. 59).

O fato de Siquém a “possuir”, sem o consentimento dos familiares, sem a aprovação dos mesmos para o ato, a deixa “humilhada”, o que configurava um desrespeito grande. Resultado desta situação foi uma vingança realizada pelos irmãos de Diná, circunscrita em: “[a]o terceiro dia, quando os homens sentiram mais forte a dor, dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, tomaram cada um a sua espada, entraram inesperadamente na cidade e mataram os homens todos” (A BÍBLIA DA MULHER, 2014, p. 59).

Trouxemos Diná como a representação, aqui, por assim dizer, do olhar trazido à vítima E.C. dos S., ao perder a virgindade antes do casamento, mesmo que de maneira forçosa, ambas perderam a honra social, o

que refletiu tanto na Bíblia como no caso do *corpus* o fato das mulheres viverem sem liberdade de ir e vir (pois os crimes ocorreram quando elas estavam na rua caminhando) e, com a responsabilidade de se “guardar” do sexo.

O tratamento filológico dado ao *corpus* permitiu que compreendêssemos o repetir de alguns comportamentos sociais, mesmo com o passar dos anos. A cultura da virgindade preservada, do corpo feminino não ser autêntico, próprio, mas pertencente aos familiares, à justiça, ao homem, à igreja e não a ela mesma.

O menosprezo, desgosto, descaso, desonra – palavras que apontam histórias de mulheres marcadas pela falta do hímen antes do casamento. De fato, a palavra “ofendida”, no contexto do *corpus*, vai se referir à vítima do crime de estupro, pois fora desvirginada e, a falta do hímen configurará em uma ofensa à honra, à moral, ao respeito atribuído à vítima e, por conseguinte, à família da mesma.

3. *Notas finais*

O estudo filológico é relevante há muito tempo. As notas filológicas aqui foram pensadas a partir da definição de Spina (1994) como transcendentais. É o reconstruir da memória, cultura através da edição de documentos. A partir da edição conhecemos a história de E. C. dos S. e, o olhar intrínseco para o objeto de estudo nos testificou para o saber do corpo feminino, de como em pontos sociais tal corpo é visto – sagrado, profano, fisiológico, que vai além do olhar da biologia, adentra a história, a religião, a antropologia, o direito, enfim. Mas para todas essas áreas vem a palavra, a língua, vista por meio de textos escritos.

Saber que, como tantas vítimas de estupro, catalogadas nos processos do acervo do CEDOC, E. C. dos S. foi violada, desrespeitada, ferida enquanto ser humano, nos leva para o reivindicar, para a prática da liberdade, pois é notório que E. C. dos S., como muitas outras vítimas estavam aprisionadas à conjuntura e rótulos sociais de “ofendidas”, “desonradas”, “desvalidas”.

É óbvio que esse estudo não dá conta da grandiosidade do labor filológico, bem como da profundidade dos pensamentos sociais, da conjuntura cultural que pode ser visualizada durante a *práxis* filológica, tampouco do acervo linguístico da época, no que se refere ao vocabulário dos crimes sexuais. Abordar este *corpus* não mitiga, também, as inquietudes

tações quanto à condição feminina, mas nos prova que pela palavra, como diz Zavaglia (2009), educamos e deseducamos um povo, minimizamos ou valorizamos o mesmo.

Que esse estudo seja um ponto de reflexão para a filologia como motriz para revelar mazelas e via para discutir e contribuir para a “reparação do mal” social causado às mulheres do início do século XX e, por conseguinte, auxiliar para o cuidado com as mulheres do século atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA DA MULHER, leitura, devocional, estudo. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 19, ed. 2, p. 389-414, maio-agosto 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v19n2/1807-0299-alea-19-02-00389.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O Pasquineiro da Roça, a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2015.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. Tradução Adriana Camargo. In: GRANDO, Ângela; CIRILLO, José (Org.). *Arqueologias da criação: estudos sobre o processo de criação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. p. 41-51

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, Fernanda Mota *et al.* (Orgs). *Filologia, Memória e esquecimentos*. Act. 20. Lisboa: Húmus, p.335-367, 2010. Disponível: https://www.academia.edu/37227293/Filologia_oitocentista_e_cr%C3%ADtica_textual Acesso em: 16 mar. 2020.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. (Org.). *Documentos do acervo de monsenhor Galvão*: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SILVA, D. Q. S. S. *Entre a escrita e a sexualidade*: edição semidiplomática e estudo léxico-semântico do processo-crime de estupro de Maria Possidonia de Jesus. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. 2. ed. São Paulo: Ars Poetica e Edusp, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. As sacanagens clericais. *Revista de História da Biblioteca Nacional*,

Rio de Janeiro, ano 8, n. 93, p. 21-2, jun. 2013.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas da linguagem jurídico-criminal da Capitania do Ceará nos séculos XVIII e XIX*. 2009. 413f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

ZAVAGLIA, Claudia. Sistematização crítica de produção científica em lexicografia e lexicologia. 2009. Disponível em: http://claudiazavaglia.com/Formacao_files/2009_sistematizacao_lexicologia_lexicografia_zavaglia_LD.pdf. Acesso em: 28 mar. 2013.